

A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA NO JORNAL ANARQUISTA *A LUTA*: DA ESCOLA ELISEU RECLUS ÀS PRÁTICAS DE LEITURA E OUTRAS EXPRESSÕES CULTURAIS

LIBERTARY EDUCATION IN THE ANARCHIST NEWSPAPER *A LUTA*: FROM ELISEU RECLUS SCHOOL TO READING PRACTICES AND OTHER CULTURAL EXPRESSIONS

LA EDUCACIÓN LIBERTARIA EN EL PERIÓDICO ANARQUISTA *A LUTA*: DE LA ESCUELA ELISEU RECLUS A LAS PRÁCTICAS DE LECTURA Y OTRAS EXPRESIONES CULTURALES

Caroline Polettoⁱ

Resumo: O presente artigo objetiva apresentar as múltiplas formas com que a educação libertária foi divulgada, praticada e incentivada através do jornal anarquista *A Luta*, que circulou pela cidade de Porto Alegre durante os anos de 1906 a 1911. Já no exemplar inaugural do jornal é apresentada a Escola Eliseu Reclus que, inspirada nos ensinamentos do educador catalão Francisco Ferrer, praticava o ensino livre. Acompanhar a trajetória e as atividades desenvolvidas nesta escola é um dos objetivos deste trabalho, bem como averiguar quais materiais de leitura formavam o acervo do Gabinete de Leitura da escola Eliseu Reclus, tendo em vista o próprio autodidatismo incentivado pelos libertários. Por fim objetiva-se também dissertar, ainda que brevemente, sobre outras práticas culturais e pedagógicas que auxiliavam na educação dos sujeitos nas bases dos princípios libertários.

Palavras-chave: Anarquismo. Educação. Escola Eliseu Reclus.

Abstract: This article aims to present the multiple ways in which libertarian education was disseminated, practiced and encouraged through the anarchist newspaper *A Luta*, that circulated in the city of Porto Alegre from 1906 to 1911. The first issue of the newspaper presents the Eliseu Reclus School which practiced free teaching inspired by the teachings of the Catalan educator Francisco Ferrer. One of the objectives of this article is to monitor the trajectory and activities developed at this school, as well as ascertain which reading materials formed the collection of the Reading Office of the Eliseu Reclus school, in view of the self-education encouraged by libertarians. Finally, the aim is also to discuss, even if briefly, about other cultural and pedagogical practices that helped in the education of subjects based on libertarian principles.

Keywords: Anarchism. Education. Eliseu Reclus School.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar las múltiples formas en que se difundió, practicó y fomentó la educación libertaria a través del diario anarquista *A Luta*, que circuló en la ciudad de Porto Alegre durante los años de 1906 a 1911. En el número inaugural del periódico se presenta la Escuela Eliseu Reclus, que, inspirada en los estudios del educador catalán Francisco Ferrer, ejercía la enseñanza libre. Monitorear la trayectoria y actividades desarrolladas en esta escuela es uno de los objetivos de este trabajo, así como conocer qué materiales de lectura conformaron el acervo de la Oficina de Lectura de la escuela Eliseu Reclus, teniendo en cuenta el autoeducación impulsada por los libertarios. Finalmente, el objetivo es también hablar, aunque sea brevemente, de otras prácticas culturales y pedagógicas que ayudaron en la formación de sujetos basados en los principios libertarios.

Palabras clave: Anarquismo. Educación. Escuela Eliseu Reclus.

Introdução

A educação sempre foi uma peça chave para os anarquistas, pois a formação de novos sujeitos, baseada nos princípios libertários, é uma estratégia fundamental para a concretização de uma nova sociedade, desvinculada de robustos pilares opressores como a igreja e o estado e sustentada por pilares libertadores como a solidariedade, coletividade e ajuda mútua. Sendo assim, várias escolas de cunho libertário foram fundadas ao redor do mundo durante o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, tendo como exemplos mais conhecidos e estudados a experiência do Orfanato Prévost, desenvolvida em solo francês, na cidade de Cempuis, entre os anos de 1880 e 1894 e encabeçada pelo pedagogo libertário Paul Robin, a escola de La Ruche, também conhecida por A Colmeia e levada a cabo por Sébastien Faure em Rambouillet, também na França, entre 1904 e 1917 e, por último, a Escola Moderna de Barcelona, criada por Francisco Ferrer em 1901 e fechada pelo governo espanhol em 1905; provavelmente a experiência mais impactante de todas, devido tanto ao seu alcance e popularidade na época, bem como às repercussões mundiais do caso Ferrer, caracterizado pela perseguição, prisão e posterior fuzilamento de Ferrer pela monarquia espanholaⁱⁱ.

Essa última experiência tem importância crucial para este trabalho, pois a escola catalã servirá de inspiração para a criação da escola Eliseu Reclus, fundada por libertários em Porto Alegre, durante o ano de 1906 e amplamente divulgada pelas páginas do jornal anarquista *A Luta*ⁱⁱⁱ. Sendo assim, o presente trabalho pretende apresentar as múltiplas formas com que a educação libertária foi divulgada, praticada e incentivada através das páginas deste periódico anarquista, que circulou em solo gaúcho entre os anos de 1906 a 1911. Nesse contexto é importante salientar que as diferentes práticas educacionais e culturais propagadas pelo

periódico tinham por base os princípios da educação racionalista e os pilares do anarquismo, de forma que a educação deveria, além de estimular o conhecimento, também inserir os sujeitos nas pautas de luta do movimento anarquista e contribuir para a formação de pessoas aptas para a transformação social que possibilitaria o tão almejado porvir libertário.

Portanto, acompanhar a trajetória e as atividades desenvolvidas na escola Eliseu Reclus é um dos pontos centrais deste trabalho, bem como averiguar quais materiais de leitura formavam o acervo do Gabinete de Leitura da escola Eliseu Reclus, tendo em vista o próprio autodidatismo incentivado pelos libertários. Além disso, o trabalho pretende adentrar ainda mais nas práticas de leitura divulgadas pelo jornal *A Luta*, procurando apresentar os folhetos, jornais e livros divulgados pelas páginas do jornal, os quais, muitas vezes, ficavam à disposição dos trabalhadores no Gabinete de Leitura da escola Eliseu Reclus ou eram vendidos pelo próprio grupo editor de propaganda do jornal, responsável pela publicação de folhetos, livros e demais materiais de propaganda. Por fim objetiva-se também dissertar, ainda que brevemente, sobre outras práticas culturais e pedagógicas que auxiliavam na educação dos sujeitos nas bases dos princípios libertários, como a formação de grupos teatrais e a promoção de conferências e palestras. Todas essas práticas evidenciam o papel essencial da educação e da cultura para os anarquistas, os quais enxergavam nessas múltiplas práticas não apenas uma alternativa ao ensino tradicional, mas também uma potente arma de transformação social.

Uma escola livre em Porto Alegre

A escola Eliseu Reclus recebeu esse nome em homenagem ao geógrafo anarquista Elisée Réclus, cujas obras eram bastante difundidas na imprensa anarquista, inclusive no próprio jornal *A Luta*. Foi uma escola defensora do ensino livre e racionalista que, no início, atendia 40 pessoas, depois já comportava em torno de 60 alunos (não se sabe ao certo se esses alunos eram somente adultos ou também crianças, mas, devido à uma nota publicada no jornal e que fala em trabalhadores e seus filhos, supõe-se que a escola atendia ambos os públicos: tanto adulto como infantil). A referida nota, que trata de uma das reinaugurações da escola, diz o seguinte:

[...] A afluência que tem tido a Escola desde o dia 1º de maio, época em que foi inaugurada, bem demonstra a sua necessidade, pois os **trabalhadores e seus filhos** (grifo nosso) não só não dispõem de recursos para aprender o que têm vontade, como também só têm disponíveis algumas horas da noite e, nessas condições, não havia até então nenhum local onde pudessem encontrar a realização de seus desejos. A Escola acha-se instalada no prédio nº22 da rua Conceição, entre S. Rafael e Caminho Novo. Esperamos que os trabalhadores desta capital auxiliem como

merecem os esforços dos nossos camaradas em prol da emancipação dos próprios trabalhadores. (*A Luta*, nº 45, 1º de junho de 1909, p.02)

O periódico *A Luta* informa atividades da escola até 1911, quando deixou de circular, mas a bibliografia traz relatos da permanência da escola até o ano de 1914^{iv}. No exemplar inaugural do *A Luta* é apresentada a escola Eliseu Reclus através de uma nota que não deixa dúvidas sobre o caráter antiautoritário da escola, a qual não obedecia regulamento algum e se destinava aos trabalhadores.

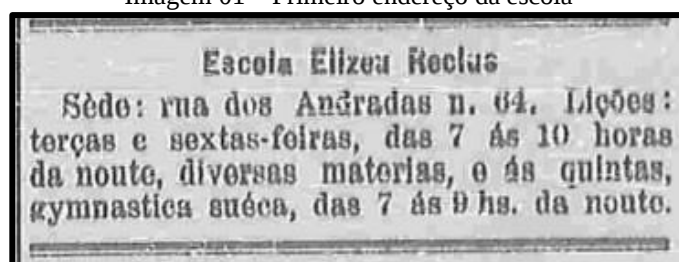
ESCOLA ELISEU RECLUS

Por iniciativa de moços estudiosos foi, com esta denominação, fundado um grupo de estudos livres baseado nos mesmos princípios das modernas universidades populares, onde podem os trabalhadores encontrar fácil meio de adquirir conhecimentos, que lhe são vedados em vista das condições econômicas em que a maioria se encontra. Este grupo que não obedece a regulamentos nem a presidentes ou autoritárias directaris, vai se mantendo na melhor harmonia possível – o que aliás vem demonstrar mais uma vez que não é com o excesso de autoridade que se mantém a ordem entre os indivíduos, quando estes se associam com interesses recíprocos, sem o intuito de sacrificar outrem, mas sim com a supressão dessa mesma autoridade. Cada um ensinando o que sabe e procurando cada qual aprender o que ignora, à noite, reúnem-se ali em convivência são aqueles moços mantendo palestras interessantes das quais sempre se sai aprendendo alguma coisa de novo. Atualmente leciona-se no grupo esperanto, francês, português, aritmética, matemática, história universal, desenho, ginástica sueca, etc. Havendo também palestra sobre anatomia descritiva, mecânica, física, química, etc. O grupo tem uma frequência atual de cerca de quarenta sócios. As contribuições são voluntárias (*A LUTA*, nº1, 13 de setembro de 1906, p. 1).

A Escola Eliseu Reclus funcionava à noite e aos domingos (posteriormente também aos sábados), possibilitando assim a assistência aos operários após suas jornadas de trabalho. Cada um ensinava o que sabia e diversas matérias eram ministradas. Inicialmente, entre as matérias ministradas estavam o ensino de línguas: esperanto, francês, português; o ensino lógico-matemático: aritmética e matemática; o ensino voltado para às humanidades e artes: história universal e desenho e, por fim, a educação corporal através das aulas de ginástica sueca. Posteriormente, as matérias de geografia, alemão, álgebra, economia política, mecânica, ortografia, história do Brasil, história natural, caligrafia, anatomia, física e química também foram incorporadas no programa da escola. A partir de 1909 a matéria de primeiras letras também passa a ser oferecida na escola Eliseu Reclus, talvez para suprir a carência do alto índice de analfabetismo entre a classe operária gaúcha ou mesmo para os filhos dos trabalhadores, ainda desprovidos das habilidades da leitura e escrita. Além disso, geralmente aos domingos, eram realizadas palestras de temáticas variadas, palestras essas que eram abertas para todos aqueles que desejassem acompanhá-las.

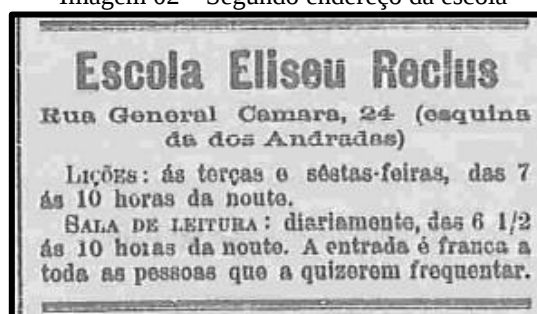
Durante o período de 1906 a 1911 a escola passou por três sedes distintas, a saber: Rua dos Andradas, nº 64; Rua General Câmara, nº 24 e, por fim, Rua Conceição, nº 22. O jornal *A Luta* frequentemente divulgava tanto o endereço da escola, bem como os horários de atendimento (da escola e da sala de leitura anexa à mesma) e as aulas que estavam sendo oferecidas aos trabalhadores, como exemplificado nos fragmentos abaixo:

Imagem 01 – Primeiro endereço da escola



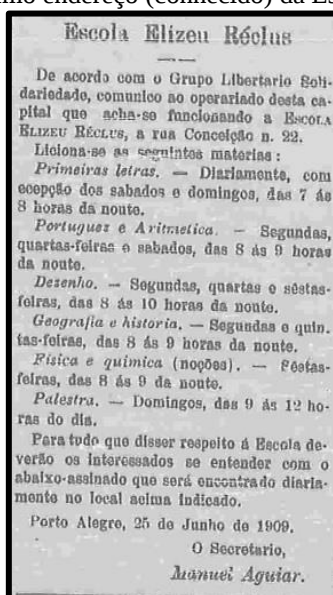
Fonte: *A Luta*, nº04, 28/10/1906, p.01

Imagem 02 – Segundo endereço da escola



Fonte: *A Luta*, nº08, 02/01/1907, p.04

Imagem 03 – Último endereço (conhecido) da Escola Eliseu Reclus



Fonte: *A Luta*, nº45, 01/06/1909, p.04

Mas afinal, no que se diferenciavam e no que consistiam essas escolas racionalistas das quais a Escola Moderna de Barcelona aparece como a grande musa inspiradora e dentre as quais encontramos a experiência, ainda muito pouco conhecida, da escola Eliseu Reclus de Porto Alegre? A educação racionalista tinha por objetivo maior ensinar o aluno a pensar por si próprio, ter liberdade e autonomia para se expressar e aprender, ao invés de um ensino baseado na obediência e castigos, conforme acontecia na educação católica, repleta de regras e imposições. A metodologia desenvolvida por Ferrer é baseada no ensino misto (meninos e meninas), na valorização da natureza, na cooperação, no respeito mútuo e na utilização da própria alegria como base de ensino. Sobre o incentivo à cooperação e à solidariedade entre os alunos, bem como sobre a ineficácia da competição e do castigo, o próprio Ferrer discorre que:

O ensino racional é antes de tudo um método de defesa contra o erro e a ignorância. Ignorar verdades e crer em absurdos é o predominante em nossa sociedade, e a isso se deve a diferença de classes e o antagonismo dos interesses com sua persistência e sua continuidade. Admitida e praticada a coeducação de meninos e meninas e ricos e pobres, ou seja, partindo da solidariedade e da igualdade, não criaríamos uma desigualdade nova e, portanto, na Escola Moderna não havia prêmios, nem castigos, nem provas em que houvessem alunos ensoberbecidos com a nota *dez*, medianas que se conformassem com a vulgaríssima nota de *aprovados*, nem infelizes que sofressem o opróbrio de se verem depreciados como incapazes. [...]. Os professores que se oferecem à Escola Moderna e solicitam sua recomendação para exercer a profissão nas escolas similares devem renunciar todo castigos material e moral, sob pena de serem desqualificados para sempre. A severidade resmungona, a impaciência, a ira às vezes beiram a crueldade e devem desaparecer com os professores antiquados. Nas escolas livres tudo deve ser paz, alegria e confraternidade. Acreditamos que este aviso bastará para banir tais práticas em seguida, impróprias de pessoas que devem ter como único ideal a formação de uma geração apta a estabelecer uma sociedade verdadeiramente fraternal, solidária e justa. (FERRER, 2010, p.33-37).

Os livros e materiais didáticos existentes em 1901, ano da fundação da Escola Moderna de Barcelona, não serviam à causa do ensino livre preconizada por Ferrer e, tampouco, aos anseios de uma sociedade futura fraternal, solidária e justa. Por isso é fundada a editora da Escola Moderna, a qual passa a editar inúmeros livros, folhetos e materiais compatíveis com as aspirações do ensino livre e dos ideais da Escola Moderna. Esses materiais, além de serem utilizados no interior da escola, também foram distribuídos internacionalmente, atingindo um número expressivo de leitores. Muitos desses materiais foram encaminhados para outras escolas racionalistas ou para associações operárias.

A editora se chamava *Editorial de La Escuela Moderna* ou *Publicaciones de la Escuela Moderna* e editou uma série de obras de caráter anticlerical e antimilitarista condizentes com as aspirações racionalistas e com o modelo de sociedade e de pessoas que a Escola de Moderna

almejava formar. Um dos primeiros livros lançados pela Editora foi “*As Aventuras de Nono*”, de Jean Grave, que conta as aventuras do menino Nono o qual, enquanto sonha, vai para o país da Autonomia, onde reinam a liberdade, a solidariedade e a igualdade. Entretanto, num breve descuido, acaba indo para a Argirocracia, local assolado pela pobreza e crueldade^v. Neste livro, o país da Autonomia representa a sociedade almejada por Ferrer e pela Escola Moderna e a Argirocracia o modelo de sociedade tóxica que precisava, urgentemente, ser superado. Esse livro foi utilizado pelos alunos da Escola Moderna e consistia num material pedagógico muito distante das rígidas cartilhas utilizadas no ensino católico e também nas escolas estatais da monarquia espanhola.

O jornal *A Luta* receberá, em meados de 1907, um livro editado pelo *Editorial de La Escuela Moderna*. O jornal publica com entusiasmo o recebimento do elogioso livro e afirma que o mesmo será traduzido e utilizado na Escola Eliseu Reclus. Se trata do livro intitulado *As Ciências Naturais*, volume IV e volume V, de autoria de Edón de Buen, amplamente ilustrado e que, segundo o jornal, seria de grande utilidade para a juventude. O jornal apresenta os volumes recebidos da Escola Moderna nos exemplares de números 18 e 19 e, ao mesmo tempo que apresentam e agradecem pela obra recebida, também elogiam o trabalho de Ferrer, da editora e da Escola Moderna, bem como acusam a injusta prisão de Ferrer pela monarquia espanhola^{vi}. Eis alguns fragmentos das matérias publicadas no *A Luta*:

Publicações Recebidas

CIÊNCIAS NATURAIS

Da *Escuela Moderna*, de Barcelona, recebemos um excelente livro de educação e ensino que acaba de ser editorado para uso da juventude. [...] Inúmeras gravuras ilustram o texto desta obra que contém 154 páginas que é impressa e encadernada excelentemente. A *Escuela Moderna*, cujo fim é ministrar à mocidade o ensino livre e racional, tem editorado até agora cerca de 80 volumes de instrução popular, livros esses que são vendidos pelo insignificante preço de 2 pesetas (800 réis, câmbio ao par, da nossa moeda). Agradecemos o exemplar que nos foi enviado. (*A Luta*, nº 18, 02 de junho de 1907, p.03)

Publicações recebidas

LAS CIENCIAS NATURALES

Da ESCOLA MODERNA, de Ferrer, actualmente cerrada devido o beato inquisitorial governo espanhol, e seu diretor atirado ao fundo de uma enxovia do CARCEL MODELO pela jesuítica maquinação do sinistro bando de lúgubres mochos que infectam aquela tira de terra como uma quadrilha de facínoros malfeitores, da Escola Moderna, como dizíamos, recebemos o V volume das Ciências Naturais que trata das edades da terra. [...] A obra CIÊNCIAS NATURAIS de ODÓN DE BUEN e várias outras publicações da ESCUELA MODERNA irão oportunamente ser traduzidas e adoptadas aqui na ESCOLA ELISEU RECLUS. Considerando a ESCUELA MODERNA que proveito algum se poderá tirar do ensino livre enquanto os programas não

tenham por fundamento uma biblioteca expressamente para isso formada, fundou uma, não somente para si, como também para ajudar as que se estabeleceram com o mesmo fim, havendo já publicado diversas obras não de somenos importância a que hoje noticiamos. É de 2 ptas o preço de cada volume, finamente cartonado, podendo os pedidos serem feitos, ou por nosso intermédio, ou diretamente à ESCUELA MODERNA, BARCELONA, CALLE DE BAILLÉN, n.56. Aos intrépidos continuadores da gigantesca obra de Ferrer volvemo-nos agradecidos protestando a nossa franca solidariedade. (*A Luta*, nº 19, 16 de junho de 1907, p.04)

Pelas matérias publicadas pelo *A Luta* fica evidente tanto a circulação e intercâmbio dos livros publicados pelo *Editorial de la Escuela Moderna*, que acabam chegando em Porto Alegre em meados de 1907, quando as atividades da Escola Moderna de Barcelona estavam paralisadas e Ferrer ainda preso, bem como a existência de uma rede de intermediários, de facilitadores que possibilitavam o acesso aos livros publicados pelo editorial da Escola Moderna; entre esses facilitadores se encontrava o próprio grupo editor do *A Luta*. De forma que o jornal anarquista gaúcho se inseria dentro de uma rede de intercâmbio de ideias, de circulação de livros e panfletos e de solidariedade internacional. Além dos livros de Odón de Buen, o jornal *A Luta* também contava, em sua biblioteca, com o *Boletín de la Escuela Moderna de Barcelona*, em que eram informadas as atividades desenvolvidas na Escola, juntamente com relatos de alunos e de professores e observações do próprio Ferrer.

Importante ressaltar também a grande influência que a Escola Moderna e que o próprio Ferrer detinha entre a classe operária e círculos anarquistas entre os anos de 1906 e 1907, antes mesmo do evento trágico de seu fuzilamento. Após o fuzilamento de Ferrer muitas escolas racionalistas foram fundadas ao redor do mundo, bem como inúmeros jornais e panfletos contestatórios foram editados em sinal de protesto. Embora Ferrer e a Escola Moderna tenham se tornado mundialmente conhecidos após o fuzilamento, não se pode desconsiderar a influência que ambos já tinham dentre os círculos operários internacionais antes deste acontecimento trágico. A própria escola Eliseu Reclus é um exemplo desta influência, uma vez que, ao contrário do que aconteceu com muitas escolas racionalistas, não foi fundada em resposta ao fuzilamento de Ferrer, mas sim inspirada pelas ideias de ensino livre que já circulavam em meados de 1906.

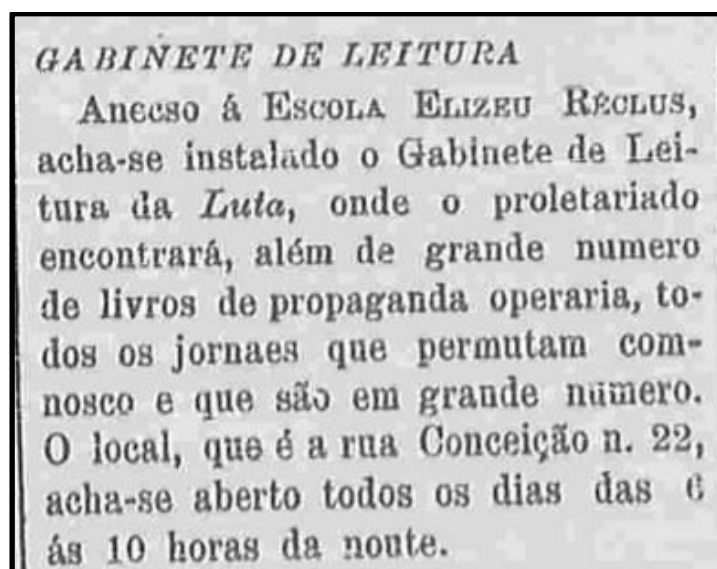
Em um fragmento de uma das matérias acima é ressaltada a necessidade da criação de uma biblioteca formada expressamente para o ensino livre, de maneira que a escola Eliseu Reclus e o jornal *A Luta* tentarão suprir essa necessidade através da criação do Gabinete de Leitura da escola Eliseu Reclus, às vezes chamado também de Biblioteca do *A Luta* ou Sala de Leitura. O Gabinete de Leitura estava aberto diariamente a todos aqueles que se interessavam,

funcionando, inicialmente, das 7 horas da manhã até às 10 horas da noite e, posteriormente, a partir das 6 horas da manhã, e contava com uma vasta série de livros, folhetos e jornais. Sobre este espaço de leitura o jornal *A Luta* traz as seguintes referências:

ESCOLA ELISEU RECLUS

Esta escola de ensino livre passou a funcionar à rua General Cámara, nº24, esquina da rua da Praia. Continuam regularmente as lições às terças e sextas-feiras de cada semana, sendo a sala aberta das 7 às 10 horas da noite, onde encontrarão os operários e quem a quiser frequentar, livros, revistas e jornais para a leitura. Jornais que estão à disposição dos frequentadores da sala de leitura da Escola Eliseu Reclus: *Correio do Povo*, *Jornal do Comércio*, *Gazeta do Commercio*, *Democracia*, *Rio Grandenser Vaterland*, *Il Tempo e Pau Bate*, desta capital; *Bataglia*, *Terra Livre*, *Il Libertario*, *Lucta Proletária*, *Era Nova e Idea Nova* de São Paulo; *O Congresso*, *Rumo Novo e Marmorista*, do Rio de Janeiro; *La Verità*, de Minas Gerais; *El Obrero*, de Montevideu; *El Rebelde*, de Rosário de S. Fé; *La Voz del Marino*, de Montevideu; *La Voix du Peuple*, de Paris, etc. Revistas: *Novos Horizontes*, de Portugal; *En Marcha* de Montevideu; *Germen*, de Buenos Aires; *Leitura para Todos*, do Rio de Janeiro; *Temps Nouveaux* e *Socia Revuo* (esperanto) de Paris, etc. Há grande número de livros e folhetos de que, convenientemente catalogados, daremos relação aqui. **Têm, pois, na sala de leitura da Escola Eliseu Reclus os operários meios de passar o tempo em útil instrução** [grifo nosso]. A entrada é franca a todos. (*A Luta*, nº 8, 02 de janeiro de 1907, p.04).

Imagem 04 – Gabinete de Leitura da Escola Eliseu Reclus



Fonte: *A Luta*, nº 50, 1º de maio de 1911, p.04

Além de manter, anexo à Escola Eliseu Reclus, um local dedicado à leitura e estudo, o grupo organizado em torno do jornal *A Luta* também passará a contar, aos moldes da Escola Moderna de Ferrer, com uma editora própria. O Grupo Editor de Propaganda será noticiado, pela primeira vez, no exemplar nº04 do jornal *A Luta*, na última semana de outubro de 1906. Segundo o jornal “ [...] vários companheiros resolveram fundar um grupo para a publicação de

folhetos, livros, etc., de propaganda do nosso ideal” (*A Luta*, nº4, 28 de outubro de 1906, p.01). O primeiro folheto publicado pelo Grupo Editor de Propaganda foi *As Bases do Sindicalismo*, de Emílio Pouget. Vários livros e folhetos foram publicados por esse grupo. Esse material poderia tanto ser adquirido pelos operários, como também ser consultado no Gabinete de Leitura da escola Eliseu Reclus.

Importante atentar para a escolha de um folheto/ panfleto como obra inaugural da editora, ao invés de um livro com conteúdo mais denso. Além do custo significativamente mais barato, o folheto também apresenta outras vantagens: tem maior poder de difusão, circula muito mais rápido do que os livros e os próprios jornais, bem como geralmente apresenta um conteúdo resumido, de fácil compreensão e que poderia ser lido, declarado em voz alta, propagando um outro tipo de leitura (a leitura escutada) importantíssima para a difusão dos ideais libertários no seio do movimento operário. Gonçalves e Assis, embora se referindo ao movimento operário inglês, fazem a seguinte constatação acerca do uso político dos panfletos:

Os panfletos e os jornais reuniam os atentos círculos de leitura escutada e leituras públicas. As “*folhas soltas do radicalismo plebeu*” passavam de mão em mão, ecoavam de boca em boca, estampavam as paredes das ruas. Vendidos, revendidos, emprestados, roubados, copiados à mão, os impressos circulavam. Sem míseros xelins para comprar livros e tendo, antes, que saciar a fome, os panfletos, no entanto, parecem chegar mais rápido às mãos da gente comum, que, muitas vezes, tinham na venda destes a principal fonte de algum ganho material e espiritual. Os leitores não cabiam nas estatísticas de venda ou tiragem de periódicos. Ler é também ouvir ler, conversar, ir ao *teatro popular*, se deliciar ou se ressentir com o *cartum político*. (ASSIS; GONÇALVES, 2019, p. 29)

Os demais folhetos e livros publicados pelo Grupo Editor de Propaganda também serão divulgados pelas páginas do periódico *A Luta*, bem como todas as obras disponíveis no Gabinete de Leitura, sejam jornais, revistas, livros ou folhetos. Analisar o nome desses títulos é de suma importância para os estudos de circulação cultural e, embora não se possa mensurar com precisão a recepção desses artefatos culturais, tal análise serve como indicativo de qual literatura social estava disponível ao operariado porto-alegrense através do Gabinete de Leitura do *A Luta*. Ressaltando ainda que o autodidatismo era um recurso bastante difundido nos círculos anarquistas e muitos militantes se tornavam autodidatas, a grande maioria não por uma escolha consciente ou mero capricho, mas por ser essa a única opção de instrução significativa disponível, instrução essa baseada nos princípios de liberdade, solidariedade, resistência e luta social, ou seja, significativa para a classe operária em si. O Gabinete de Leitura facilitava a prática do autodidatismo, ao ampliar o repertório de artefatos culturais dos libertários. Sobre o autodidatismo entre os anarquistas brasileiros, Valverde pontua que:

O fenômeno do autodidatismo de quadros de militantes anarquistas brasileiros, por meio sobretudo da prática do ensino mútuo, é fato atrelado aos Centros de Cultura, as verdadeiras universidades, como lócus de encontros políticos, leituras, discussões teóricas e práticas. Para o autodidata libertário não interessa somente a aquisição dos “mecanismos” de leitura, mas, para além do domínio das conexões das letras, palavras, números, juízos, são as reflexões e análises críticas da realidade imediata e mediata que são almejadas. Porque o autodidata anarquista opera o auto-aprendizado em vista de um horizonte político e ético de negação da ordem dada, construído desde a reflexão cotidiana acerca do trabalho, das lutas sociais, e de bem com o progresso geral da humanidade. (VALVERDE, 2007, p. 396)

As tabelas que seguem pretendem desvendar esse repertório cultural que dava vida tanto ao Gabinete de Leitura como às diversas práticas de educação libertária, uma vez que tal repertório servia de combustível para a aquisição de uma consciência de classe por parte do operariado que frequentava o Gabinete de Leitura e a escola Eliseu Reclus. Os títulos dos livros, folhetos, jornais e revistas foram retirados de seções distintas do jornal *A Luta*, a saber: Notas da Redação, a Imprensa, Grupo Editor de Propaganda, Nossa Permuta, Publicações Novas, Publicações Recebidas, Factos & Comentários, Biblioteca da “A Luta” e Bibliografia – Literatura Anarquista (às vezes o título utilizado para essa seção era apenas Bibliografia e, em outras, apenas Literatura Anarquista). Para algumas referências se ficou em dúvida quanto ao formato, ou seja, se eram folhetos ou livros, pois muitas das obras citadas foram publicadas nos dois formatos; por isso tratou-se como folheto apenas as referências que fizeram alusão direta a esse formado.

Tabela 01 - Livros

Nome do Livro	Autor	Seção do jornal em que aparece
O Semeador	A. Fóscolo	Publicações Novas
Notícias de Polícia	A. Gutierres	Bibliografia – Literatura Anarquista
Pátria e Internacionalismo	A. Hamón	Nota solta e Biblioteca do A Luta
Historia del Socialismo	A. Hamón	Biblioteca do A Luta
Amor ou Farda	Alfredo Gallis	Literatura anarquista
A Cathedral	Blasco Ibañez	Literatura anarquista
Os Miseráveis	Blasco Ibañez	Literatura anarquista
A Propriedade e o Socialismo	Cláudio de Lisle	Publicações Novas
Em Caminho da Sociedade Nova	Cornelisse	Literatura anarquista
A Greve Geral	E.S.R.T.	Publicações Novas
Evolução, Revolução e ideal Anarquista	Eliseu Reclus	Nota solta, Biblioteca da “A Luta” e Bibliografia
A Anarquia e a Igreja	Eliseu Reclus e Jorge Guyou	Publicações Novas

Bases do Sindicalismo	Emílio Pouget	Nota solta e Biblioteca da “A Luta”
Germinal	Emilio Zolá	Literatura anarquista
O Trabalho	Emilio Zolá	Literatura anarquista
O Ideólogo	Fábio Luz	Nota da Redação
Os Emancipados	Fábio Luz	Nota da Redação
A Mãe	Gorki	Literatura anarquista
Peste Religiosa	João Most	Biblioteca da “A Luta” e Bibliografia
A Sociedade Futura	Juan Grave	Biblioteca da “A Luta” e Bibliografia
A Sociedade Moribunda e a Anarquia	Juan Grave	Nota Solta e Literatura Anarquista
Tierra Libre	Juan Grave	Nota Solta
Greve de Ventres	Luis Bulfi	Nota solta
O Ensino Racional da Leitura	Magnul Sundahl	Publicações Recebidas
Avatar	Marcelo Gama	Literatura anarquista
As Ciências Naturais – Volume IV	Odón de Buen	Publicações Recebidas
As Ciências Naturais – Volume V	Odón de Buen	Publicações Recebidas
Jardim dos Suplícios	Otavio Mirbeau	Literatura anarquista
O Calvário	Otavio Mirbeau	Literatura anarquista
Um Século de Expectativa	P. Kropotkine	Publicações Novas
Em volta de uma vida	P. Kropotkine	Biblioteca da “A Luta” e Bibliografia
Comunismo Anárquico	P. Kropotkine	Bibliografia – Literatura Anarquista e Literatura anarquista
As Doutrinas Anarquistas	Paulo Etzbacher	Nota solta
Catecismo Ateu	Prito Bithencourt	Publicações Novas
Formas Essenciais do Socialismo	Saverino Merlino	Literatura anarquista
Escravidão Moderna	Tolstoi	Literatura Anarquista
Crímen de Muchos	(Sem autoria)	Bibliografia – Literatura Anarquista

Fonte: Elaborada pela autora

Pela observação da Tabela 1, percebe-se que um número expressivo de livros foi divulgado pelas páginas do jornal *A Luta*, durante os anos de 1906 a 1911, totalizando trinta e sete títulos distintos, os quais estavam à disposição dos frequentadores do Gabinete de Leitura. Uma análise mais atenta dos títulos dos livros permite concluir que os livros eram, em sua maioria, de cunho anarquista, socialista ou anticlerical. Alguns destes títulos apareceram em

vários números do jornal, repetida e constantemente. Os livros com divulgação recorrente no jornal foram destacados (em negrito) na Tabela 1. São eles: *Pátria e Internacionalismo*, de A. Hamón, *Evolução, Revolução e ideal Anarquista*, de Eliseu Reclus, *Bases do Sindicalismo*, de Emílio Pouget, *Os Emancipados*, de Fábio Luz, *A Peste Religiosa*, de J. Most, *A Sociedade Futura*, de Juan Grave, *Avatar*, de Marcelo Gama, *Em Volta de uma Vida* e *Comunismo Anárquico* de Kropotkin e, por fim, *As Doutrinas Anarquistas*, de Paulo Etzbacher. Todos esses títulos apareceram em, no mínimo, cinco números distintos do jornal *A Luta*.

Tabela 2: Folhetos

Nome	Autor	Seção do jornal em que aparece
Pátria e Internacionalismo	Augustin Hamón	Publicações Novas e Bibliografia
Operários	Carlos Araújo	Publicações Novas
Bases do Sindicalismo	Emílio Pouget	Grupo Editor de Propaganda, Bibliografia, Literatura Anarquista e Nota solta
Malthusianismo e Neomalthusianismo	Devaldes	Publicações Recebidas
Antipatriotismo	Gustavo Hervé	Publicações Recebidas (em esperanto).
A peste religiosa	J. Most	Nota solta
O Rei e o Anarquista	Libertas	Publicações Novas
Entre Camponeses	Malatesta	Nota solta
Comunismo Anárquico	P. Kropotkine	Publicações Recebidas
La Internacio (Hino da Internacional em esperanto)	Sem autoria	Publicações Recebidas.
Syndicalisme et Revolution	Sem autoria	Publicações Recebidas
O Militarismo ante a política moderna – apostolado positivista.	Sem autoria	Publicações Recebidas
La diplomatie et la regeneration sociale	Sem autoria	Publicações Recebidas
Ainda o militarismo perante a política moderna	Sem autoria	Publicações Recebidas
A propósito da transição dos restos do almirante Barrozo e Saldanha	Sem autoria	Publicações Recebidas

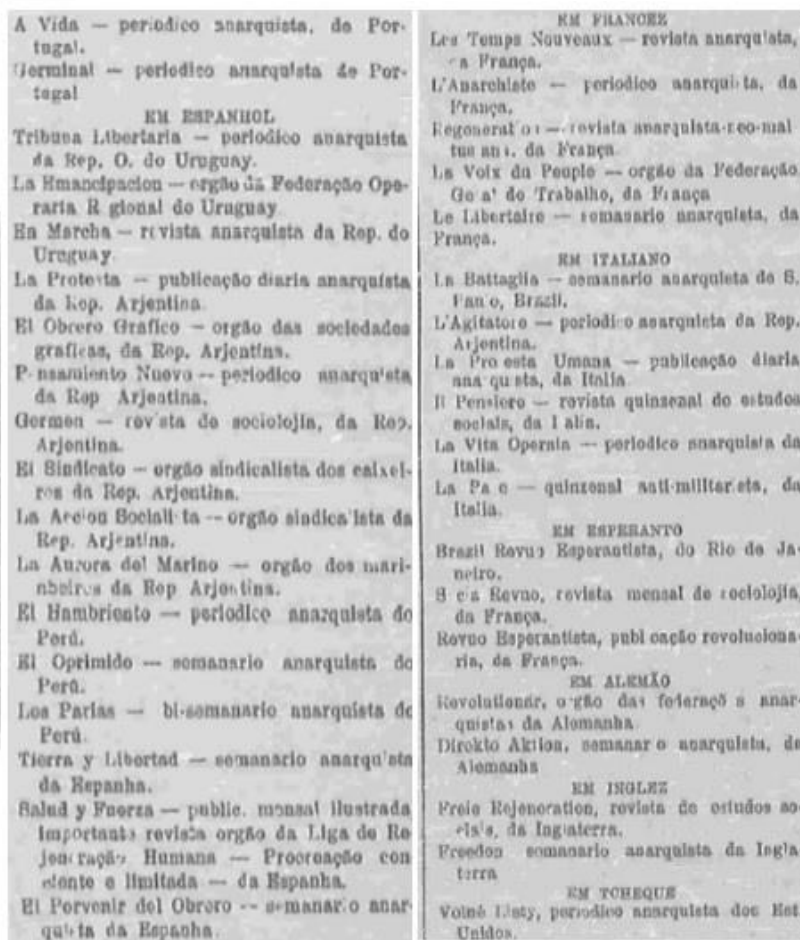
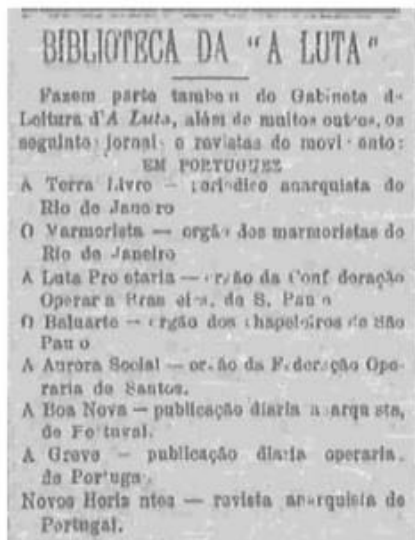
Ainda a vacinação obrigatória e a política republicana	Sem autoria	Publicações Recebidas
A mio fratello contadino	Sem autoria	Publicações Recebidas
Acuerdos, revoluciones y declaraciones	Sem autoria	Publicações Recebidas
La Mujer Esclava	Sem autoria	Publicações Recebidas
Triunfo de Sangue	Sem autoria	Factos & Comentários
O Dia de 8 horas	Sem autoria	Nota solta
A Mulher e o Militarismo	Sem autoria	Nota solta

Fonte: Elaborada pela autora

Entre os folhetos divulgados se encontram, além de publicações de cunho anarquista e anticlerical, também publicações antimilitaristas e positivistas. Foram divulgados dezoito folhetos ao longo dos anos e grande parte deles não teve sua autoria publicada nas páginas do jornal *A Luta*, talvez por se tratarem de publicações anônimas, algo muito frequente em toda a imprensa libertária e contestatória em princípios do século XX.

Quanto aos jornais e revistas, a Biblioteca da *A Luta* ou Gabinete de Leitura da Escola Eliseu Reclus contava com uma gama variada de publicações, incluindo vários títulos de periódicos internacionais. Os jornais e revistas divulgados pelo periódico incluíam publicações anarquistas, socialistas, republicanas, classistas, sindicalistas, espíritas, anticlericais, maçônicas, racionalistas e humorísticas. Foram divulgados em torno de cento e cinquenta títulos, entre jornais e revistas, incluindo periódicos dos seguintes países: Brasil, Argentina, Uruguai, Peru, França, Espanha, Itália, Portugal, Inglaterra, Estados Unidos, Holanda e Alemanha. A disponibilidade desses periódicos internacionais no Gabinete de Leitura da escola Eliseu Reclus aponta para uma ampla circulação desses impressos combativos já no início do século XX e apontam, ainda, para a inserção do jornal anarquista *A Luta* na rede internacional da imprensa operária. Optou-se por não divulgar aqui, por questão de economia de espaço, todos os cento e cinquenta títulos de periódicos; entretanto, se reproduzirá um fragmento do jornal em que vários títulos de jornais e revistas aparecem, referenciando o Gabinete de Leitura e separando as publicações por idioma.

Imagem 05 – Jornais e Revistas divulgado na Biblioteca da “A Luta”



Fonte: *A Luta*, nº 36, 18 de setembro de 1908, p.04

Além de espaço de instrução e leitura, a escola Eliseu Reclus também serviu de palco para inúmeras palestras e conferências, bem como para os ensaios e reuniões do grupo filodramático de teatro social, fundado em 1907. “Este Grupo trabalharia com o teatro social, ou seja, utilizar-se-iam de dramas que narravam a vida operária, desde os seus sofrimentos aos desdobramentos que a exploração e repressão acarretam no cotidiano do proletariado” (SOARES, 2016, p.145). De forma que a escola Eliseu Reclus englobava múltiplas atividades culturais e sociais, todas elas objetivando a inserção dos ideais libertários nas mentes daqueles que a frequentavam. Algumas conferências realizadas na Escola Eliseu Reclus foram divulgadas pelo jornal. Uma das mais elogiadas foi a conferência ministrada por Christiano Fettermann, chegando a lotar o espaço da escola:

CONFERENCIA OPERÁRIA

Efetou-se num dos últimos domingos, na sede da *Escola Eliseu Reclus*, uma conferência, primeira de uma série, sobre interesses operários. Fez uso da palavra o nosso camarada

Christiano Fettermann que discorreu longamente sobre as lutas operárias, mostrando como só da instrução e educação dos trabalhadores num sentido verdadeiramente social e humano, poderá resultar a sua emancipação econômica, dentro de uma nova sociedade, anelada por todos os espíritos generosos, onde o bem-estar não seja uma utopia. O conferencista demonstrou as vantagens do agrupamento dos operários em sindicatos, como meio de desenvolver a solidariedade e provocar o estudo das questões que afetam as classes produtoras para que aprendam a lutar pela defesa de seus interesses, menosprezados egoisticamente pela sociedade burguesa. O local da Escola, onde realizou-se a conferência achava-se repleto de trabalhadores que acorreram ao convite feito em boletins. (*A Luta*, nº 50, 1º de Maio de 1910, p.04)

Na própria nota sobre a conferência ministrada na escola Eliseu Reclus fica evidenciada a importância que os anarquistas concediam à instrução e à educação do operariado. Acreditavam que somente através desta instrução é que se alcançariam as condições para a emancipação do porvir libertário; ou seja, o próprio projeto cultural do anarquismo propunha uma nova educação, novos valores, uma nova visão de mundo que, no seu ápice, possibilitaria a formação de um novo homem. A instrução a que se referiam os anarquistas transbordava as habilidades de leitura e escrita e os conhecimentos históricos e matemáticos, almejando alcançar uma espécie de educação política das massas, ressaltando que os aspectos políticos não estão desvinculados da prática social e cultural, aqui verificada através das aulas, conferências, apresentações teatrais e práticas de leituras diversas. Todas essas diversas práticas configuravam uma noção ampliada de educação, sobre a qual Sílvio Gallo afirma que:

[...] os anarquistas viam nos processos educativos uma das estratégias para um processo mais amplo de transformação social. [...]. Para criar uma nova sociedade era necessário, então, criar também uma nova mentalidade, uma nova forma de vida, condizente com esta outra forma de organizar o social. E, para tal empreendimento, a educação apresentava-se como estratégia central. Claro que, nesses projetos, os anarquistas pensaram a educação de uma maneira ampla. Não apenas a educação escolar, mas múltiplos processos formativos, seja das crianças, seja dos adultos trabalhadores. Assim, vemos, como parte dos processos educativos, cursos para adultos, palestras, seminários, ciclos de conferências, mas também um forte investimento em uma imprensa libertária, com a publicação de jornais e revistas, livros e panfletos a serem distribuídos da maneira mais ampla possível. Vemos ainda o teatro como instrumento importante de educação, de certa forma recuperando o sentido social e formativo que as tragédias encenadas em praça pública tinham para os antigos gregos. As festas e manifestações coletivas complementavam esses esforços de educar as mentalidades, construindo uma outra forma de vida orientada pela solidariedade, pela liberdade, pela não exploração. (GALLO, 2012, p.170)

Considerações finais

Ao final deste trabalho podemos concluir que a educação libertária não era desenvolvida e estimulada apenas no domínio do espaço físico da escola Eliseu Reclus, mas também através das múltiplas leituras, das conferências, das apresentações teatrais, bem como através da própria convivência na Escola Eliseu Reclus e no Gabinete de Leitura. De forma que todas essas atividades contribuíam para estimular o conhecimento ao mesmo tempo em que pretendiam

inserir os sujeitos nas pautas de luta do movimento anarquista através de uma formação voltada para a futura emancipação social.

O esquecimento (ou pouco conhecimento) da experiência educacional inovadora realizada através da escola Eliseu Reclus precisa, urgentemente, ser superado. Espera-se que esse breve artigo possa, ao menos em parte, lembrar dessa importante experiência pedagógica e também se almeja que esse texto sirva de inspiração para os educadores que acreditam que o papel da instrução vai muito além da aquisição de habilidades e de conteúdos, tendo a instrução um papel fundamental na transformação social.

Referências bibliográficas

ASSIS, Lucas; GONÇALVES, Adelaide. O Protesto Sobrevive. In: THOMPSON, E. E. P. *Thompson Panfletário Antifascista*. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2019. p. 6-37.

FERRER i GUARDÍA. *La Escuela Moderna*. [s/d]. Tradução Ateneu Diego Giménez. Piracicaba: Ateneu Diego Giménez, 2010.

GALLO, Sílvia. Anarquismo e Educação: os desafios para uma pedagogia libertária hoje. *Rev. De Ciências Sociais*, n.35, p. 169-186, Abr. 2012.

GRAVE, Juan (1901). *Las aventuras del nono*. Madri: Libertarias, 1992.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. “*Que a união operária seja a nossa pátria!*”: História das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. Santa Maria: editoraufsm; Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

POLETTTO, Caroline. *A imaginação subversiva ao redor do mundo: Imagens, Poesias e Contos de Protesto na Imprensa Anarquista e Anticlerical (Espanha, Argentina e Brasil, 1897-1936)*. 2017. 471 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Unisinos, São Leopoldo, 2017.

RODRIGUES, Edgar. *Nacionalismo e cultura social (1913-1922)*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.

SOARES, Eduardo da Silva. *Culturas de classe em Porto Alegre (1905-1911): Os mundos do trabalho na imprensa anarquista e socialista*. Dissertação de Mestrado – Curso de História, UFSM/RS, Santa Maria, 2016.

ULLMAN, Joan Conelly. *Na Semana Trágica*. Estudo sobre as causas socioeconômicas do anticlericalismo em Espanha, 1898-1912. Esplugues de Lhobregat: Ariel, 1972.

VALVERDE, Antonio José Romera. Socialismo libertário, educação e autodidatismo: entrevista-depoimento de Jaime Cubero. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo: Faculdade de Educação da USP, vol.34, n.2., p. 393-397, Mai/ago. 2008.

Submetido em: 14/10/2020

Aprovado em: 19/11/2020

Publicado: 11/12/2020

ⁱ Doutora em História pela Unisinos na área de concentração Estudos Históricos Latino-americanos. Mestre em História pela mesma IES, graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade de Caxias do Sul.

ⁱⁱ Para maiores informações sobre experiências de educação libertária ver: GALLO (2012).

ⁱⁱⁱ Para maiores referências sobre o jornal anarquista A Luta, ver: POLETTI (2017).

^{iv} De acordo com RODRIGUES (1969) e PETERSEN (2001).

^v Ver: GRAVE, Juan (1901). *Las aventuras del nono*. Madri: Libertarias, 1992.

^{vi} Ferrer foi acusado, em 1906, de ter motivado, encoberto e ajudado o anarquista Mateo Morral após o atentado falho cometido por este contra o rei da Espanha Afonso XIII. Ferrer fica preso por um ano e acaba sendo absolvido por falta de provas. Essa é a primeira perseguição da Monarquia espanhola ao educador. A segunda perseguição acontecerá logo após os eventos da Semana Trágica de Barcelona, que se caracteriza pelo enfrentamento entre o exército espanhol e a classe operária, apoiada tanto por anarquistas, como pelos socialistas e republicanos. A causa maior deste enfrentamento se encontra no decreto assinado pelo primeiro ministro Antonio Maura, que obriga o envio de tropas para lutar no Marrocos (a classe trabalhadora seria a única atingida pelo decreto, pois as classes abastadas poderiam pagar uma multa para não ir ao Marrocos). Os operários então declaram greve geral em Barcelona e uma série de conventos e igrejas foram queimados, tornando o protesto antibelicista também anticlerical. Os eventos da Semana Trágica aconteceram em Barcelona e outras cidades da Catalunha na semana de 26 de julho a 2 de agosto de 1909. Ferrer, que nem mesmo se encontrava em Barcelona durante a Semana Trágica, acabou sendo acusado por ser o “mentor intelectual” da mesma, sendo fuzilado em 13 de outubro de 1909, mesmo sem nenhuma prova concreta de sua participação nos eventos da Semana Trágica. Sobre esse caso ver: ULLMAN, Joan Conelly (1972).